

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

VITÓRIA RIBEIRO DE SOUZA

**Plantas, Balanço e outras palavras:
NARRATIVAS DE CRIANÇAS SOBRE SUAS EMOÇÕES**

JUIZ DE FORA

2023

VITÓRIA RIBEIRO DE SOUZA

**Plantas, Balanço e outras palavras:
NARRATIVA DE CRIANÇAS SOBRE SUAS EMOÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes

JUIZ DE FORA

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ribeiro de Souza, Vitória .
Plantas, Balanço e outras palavras: NARRATIVAS DE CRIANÇAS SOBRE SUAS EMOÇÕES / Vitória Ribeiro de Souza. -- 2023.
61 p. : il.

Orientador: Jader Janer Moreira Lopes
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, 2023.

1. Educação Infantil. 2. Emoções. 3. Crianças. 4. Vivências. 5. Narrativas. I. Janer Moreira Lopes, Jader, orient. II. Título.

VITÓRIA RIBEIRO DE SOUZA

Plantas, Balanço e outras palavras:

NARRATIVAS DE CRIANÇAS SOBRE SUAS EMOÇÕES

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em 14 de Dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Ma. Miriam Nogueira Duque Villar - Avaliadora
Secretária de Educação da Prefeitura de Juiz de Fora

Dedico este trabalho primeiramente a Deus,
que com sua forte mão me conduziu até aqui;
As minhas crianças, que foram essenciais na
minha jornada como estagiária e como futura
pedagoga, cada uma está marcada em meu
coração;
Aos meus familiares e amigos, que confiaram
no meu potencial e me deram forças para
continuar mesmo em momentos difíceis;
Ao meu orientador, que ao longo deste
processo se demonstrou solícito e
compartilhou de seus conhecimentos;
Por fim, a todos que contribuíram, direta ou
indiretamente, tornando essa jornada mais
especial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por plantar em mim esse sonho, cumprindo com suas promessas, por me conceder a sabedoria que eu precisava e por me dar forças para não abandonar a caminhada.

A minha mãe que fez o possível e o impossível para me criar e para que eu pudesse me dedicar aos estudos. A conclusão dessa etapa é fruto das suas incontáveis renúncias e orações.

A professora regente e as minhas crianças do estágio, que compartilharam comigo os ensinamentos, brincadeiras, desenhos, abraços, risos, histórias e muitos aprendizados que levo no meu coração.

A instituição que me acolheu, não só para o estágio, mas também autorizou que o trabalho dessa monografia acontecesse em seu espaço. Vocês tornaram esse trabalho uma realidade.

As minhas amigas que estiveram ao meu lado e compartilharam essa caminhada comigo, tornando-a mais fácil, doce, alegre e especial. A escuta e o acolhimento de vocês foi crucial em momentos difíceis.

Aos meus professores da Faculdade de Pedagogia, por promoverem experiências enriquecedoras que contribuíram para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Em especial, ao meu orientador Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes que se mostrou solícito e atencioso durante todo o processo de construção dessa pesquisa.

A todos que contribuíram, mesmo que indiretamente, para a construção desse trabalho possibilitando a sua concretização.

*“Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação-
reflexão.” (Paulo Freire, 1987, p.[44]).*

RESUMO

O presente trabalho apresenta as narrativas das emoções de crianças durante a Educação Infantil. Argumenta-se, através das obras de Vigotski, que as vivências e o meio apresentam influência no desenvolvimento da criança. Sendo assim, a pesquisa buscou contemplar uma compreensão das emoções no ambiente educacional para compreender como o cognitivo e o emocional não são fatores opostos e distantes, mas sim correlacionados. A metodologia utilizada foi pesquisa de campo, partindo do objetivo de compreender as emoções diante das narrativas das crianças, do imaginário e através do processo criativo, entendendo que essas três dimensões estão relacionadas. Dessa forma, não buscamos encontrar resultados pré-estabelecidos e nem realizar análises de dados estatísticos, mas dialogar com as emoções infantis e compreender como as crianças envolvidas nesse trabalho dialogam com suas próprias emoções.

Palavras – Chaves: Educação Infantil. Emoções. Crianças. Vivências. Narrativas.

ABSTRACT

This research presents narratives of children's emotions during Early Childhood Education. It is argued, through Vygotsky's books, that experiences and the environment influence the child's development. Therefore, the research sought to contemplate an understanding of emotions in the educational environment to understand how cognitive and emotional are not opposite and distant factors, but rather correlated. The methodology used was field research with the aim of understanding emotions in children's narratives, imagination and through the creative process, understanding that these three dimensions are related. In this way, we do not seek to find pre-established results or carry out statistical data analysis, but to dialogue with children's emotions and understand how the children involved in this work dialogue with their own emotions.

Keywords: Early Childhood Education. Emotion. Children. Experience. Narratives.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	METODOLOGIA.....	14
3	REFERENCIAL TEÓRICO	28
3.1	A BREVE VIDA DE LEV SEMIONOVITCH VIGOTSKI	28
3.2	O CONCEITO DE VIVÊNCIA, SEGUNDO O PSICÓLOGO HISTÓRICO- CULTURAL VIGOTSKI.....	30
3.3	A IMAGINAÇÃO E A CRIAÇÃO DURANTE A INFÂNCIA SEGUNDO VIGOTSKI	33
4	“EMOÇÕES SÃO PEQUENAS COISINHAS QUE FICAM DENTRO DE VOCÊ TE CONTROLANDO”	35
5	ONDE SE LOCALIZAM AS EMOÇÕES?	43
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS.....	57
	ANEXO A- Canção Aquarela de Toquinho	59

1 INTRODUÇÃO

“Talvez nunca tivesse ocorrido à garota o que fazer, se ela não tivesse encontrado alguém: uma criança, curiosa em relação ao mundo como ela mesma já havia sido.” (Oliver Jeffers, 2012, [p.19]).

Vários motivos me levaram a escolher o tema dessa pesquisa. Desde o início, sempre soube que seria relacionado às emoções durante a educação infantil. Meu primeiro motivo surge a partir do momento em que a minha vida pessoal se relaciona com o tema da pesquisa, devido ao fato de ter descoberto, durante a juventude, que eu sofria de Transtorno de Ansiedade Generalizada desde, provavelmente, os cinco anos de idade. O diagnóstico tardio foi devido à minha criança não saber vivenciar e expressar seus sentimentos, sentir-se bagunçada/ desorganizada e achar que era comum estar triste, sentindo um nó na garganta em dias nublados, e não acreditar na sua capacidade de realizar pequenas tarefas sozinhas.

Além disso, a pesquisa desenvolvida nasce também através das experiências que obtive dentro de um estágio em Educação Infantil não obrigatório, no qual atuei desde Abril de 2022 até Janeiro de 2023, como um dos requisitos necessário para minha formação profissional. Como aluna de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora, sempre procurei conversar com os professores do estágio sobre minhas experiências e, em uma dessas conversas, surgiu o interesse de conhecer mais sobre as emoções perante o olhar de uma criança e entender como elas podem estar interligadas ao desenvolvimento e aos seus cotidianos, uma vez que presenciei cenas em que as crianças pareciam não conseguir administrar suas emoções, não conseguiam desempenhar algumas atividades sozinhos, pois sentiam insegurança ou com vontade de chorar repentinamente sem motivo aparente, assim como eu durante minha infância. A minha infância se encontrava com outras infâncias nessa instituição.

Durante a Educação Infantil, segmento da educação básica brasileira responsável por atender crianças de 0 a 5 anos, amplia-se o maior convívio social da criança, além do ambiente familiar. Nessa etapa, alarga-se o desenvolvimento social, cognitivo e motor. A criança vai se desenvolvendo e transformando em sua totalidade. Também, nessa fase denominada de primeira infância, são trabalhadas atividades lúdicas, apoiadas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que promovem o aprimoramento do desenvolvimento geral das crianças, as redes de interação se alargam, a autoestima e as autonomias vão sendo

intencionalmente e pedagogicamente pensadas. Dessa forma, a BNCC traz a importância de se construir currículos que procurem trabalhar além de somente conteúdo, mas experiência, ressaltando o quanto se torna essencial atentar-se não só a cognição, mas também à emoção, levando em conta que as duas não são opostas ou estão separadas, mas fazem parte de uma única dimensão no ser humano.

As psicólogas Ana Luiza Braz e Ana Theresa Cavalcanti (2021) argumentam no Podcast intitulado “Para o que servem nossas emoções?” que a emoção é parte de todo ser humano, e está presente até mesmo nas expressões faciais de cada indivíduo, possuindo funções biológicas e subjetivas. Nesse sentido, acaba se tornando muito necessário considerar as emoções das crianças e suas relações no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, compreender, narrar e acolher as emoções torna-se importante, uma vez que faz parte da vivência dos sujeitos que vivem em sociedade e do processo que envolve nossa humanidade.

Segundo os estudos Vigotski (2010), pesquisador bielorusso que viveu o início do século XX, na área da Pedagogia (nome dado a um campo de conhecimento de sua época, se destinava a ser a “Ciência da Criança”), o meio apresenta uma influência no desenvolvimento da criança, que implicará na formação das particularidades de cada indivíduo. Sendo assim, a forma como a criança aprende a se enxergar e a se constituir como sujeito de uma sociedade, está ligado não somente a si e a seu desenvolvimento cognitivo, mas ao seu comportamento no ambiente e ao seu relacionamento com outros indivíduos e consigo mesma. Ao se relacionar com os meios que fazem parte de sua vida, as crianças os reelaboram, os recriam e nesse movimento forjam suas consciências. O meio não tem uma condição determinista, mas é o espaço do diálogo que forja cada um de nós.

É comum que as crianças ao ingressarem nas escolas, sendo essas as primeiras grandes instituições sociais que elas frequentam, se sintam inseguras, sozinhas e ansiosas para lidarem com toda a novidade que o cercam, sem a ajuda de seus pais ou responsáveis. É um novo espaço e qualquer nova espacialidade gera situações de inseguranças, curiosidades, desejos e outros sentimentos. Nessa perspectiva, a pesquisa surge no âmbito da educação infantil e na tentativa de demonstrar “como as crianças vivenciam as emoções”, partindo da dúvida de como elas compreendem e narram suas emoções e sentimentos.

Nessa visão, esse trabalho aconteceu em uma escola de educação infantil, onde foram colhidos dados que fazem, agora, parte dessa pesquisa. Primeiramente realizou-se uma leitura do livro infantil com a turma; posteriormente, houve espaço para uma roda de conversa com as crianças e, por fim, foram feitas pinturas de alguns desenhos, que serão apresentados com maiores detalhes em capítulos posteriores. Ademais, com o intuito de discutir, embasar e

compreender com os resultados colhidos na pesquisa de campo utilizou-se subsídios teóricos que se relacionam com os objetivos, supracitados, deste estudo, tudo com o propósito de dialogar com as emoções infantis e compreender como as crianças envolvidas nesse trabalho dialogam com suas próprias emoções.

2 METODOLOGIA

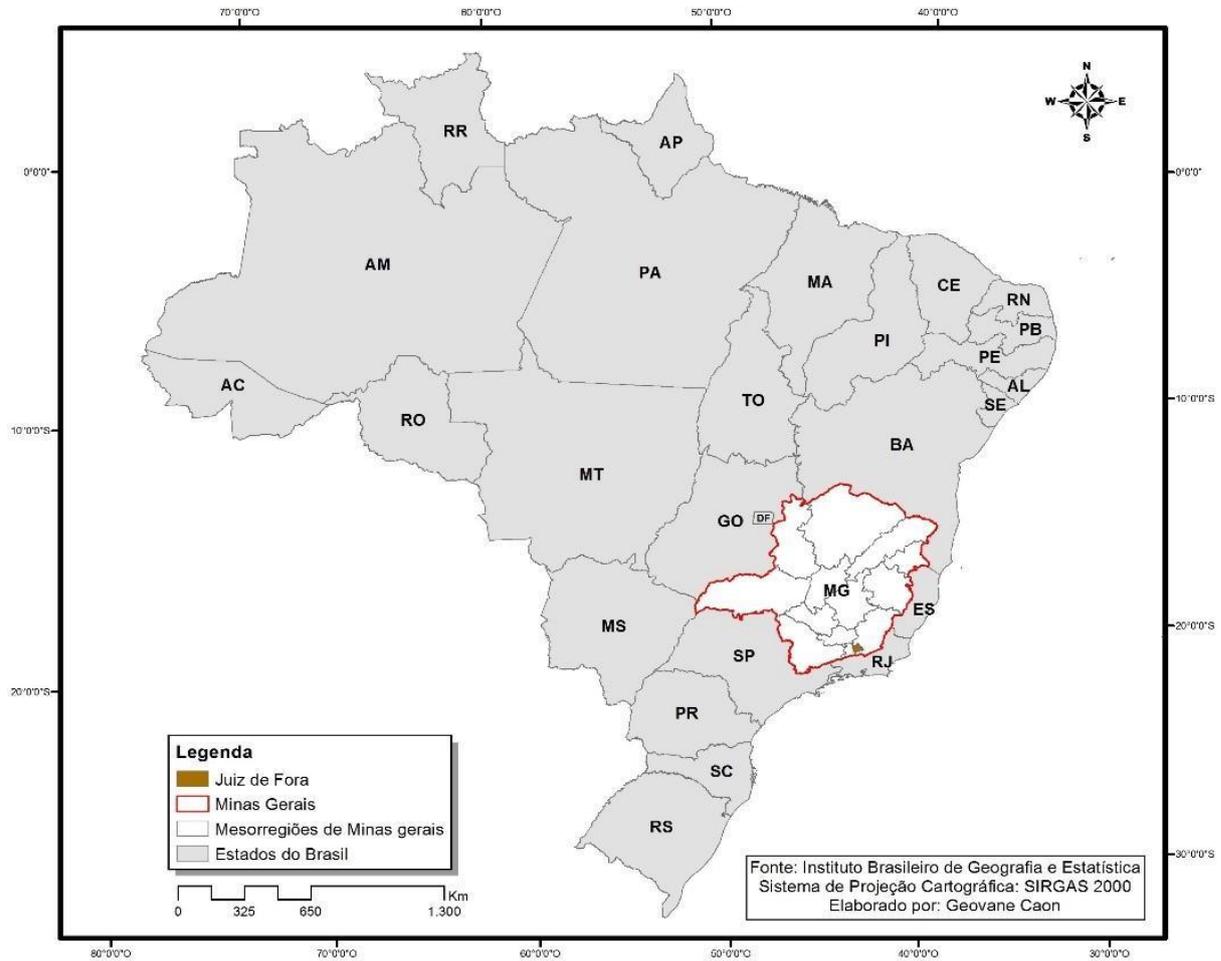
“Não há melhor palco para um pensamento que dança do que o lado de dentro da cabeça das crianças.” (Emicida, 2018, p.[1]).

A metodologia utilizada para realizar essa pesquisa de campo não busca encontrar resultados pré-estabelecidos e realizar análises de dados estatísticos. Dessa forma, dentro do nosso percurso metodológico, buscou-se trabalhar com o campo de investigação qualitativa. Neste sentido, os autores Biklen e Bogdan (1994, p.16) nos complementam afirmando que:

Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objectivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. Ainda que os indivíduos que fazem investigação qualitativa possam vir a seleccionar questões específicas à medida que recolhem os dados, a abordagem à investigação não é feita com o objectivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses.

O trabalho a ser apresentado realizou-se em uma turma de segundo período na creche em que estagiei durante o ano de 2022, que, para manter o anonimato, nomearemos de Porto Seguro. Trata-se de uma rede privada e bilíngue localizada na cidade de Juiz de Fora (ver mapa 01). Foi fundada na década de 80 e buscou suprir a falta de instituições com horários flexíveis, baseando-se na teoria construtivista, oriunda e sistematizado a partir dos postulados do pesquisador Jean Piaget. O prédio da Educação infantil atende desde o berçário ao segundo período e contém uma rampa que dá acesso a todas as salas da instituição, com o objetivo facilitar a locomoção das crianças. Além disso, o espaço escolar possui um pátio interno e externo, brinquedoteca com os mais diversos brinquedos, biblioteca equipada com muitos livros, salas pensadas para cada período, playground e refeitório pensados na mobilidade das crianças pequenas.

Mapa 01:
A cidade onde ocorreu a pesquisa



A pesquisa de campo se organizou em dois momentos, em dias distintos. Como material de apoio para nosso trabalho com as crianças, foi utilizado o livro infantil “O monstro das cores”, da autora espanhola Anna Llenas. A obra conta a história de um monstrinho que acordou emocionalmente bagunçado e colorido; com a ajuda de uma menina ele busca organizar e entender cada emoção. No enredo cada cor corresponde uma emoção. Sendo assim, a cor amarela representa a alegria, a azul a tristeza, a vermelha a raiva, a cinza/preto o medo e a cor verde a calma.

Figura 1 - Capa do livro trabalhado com as crianças



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Monstro-cores-Anna-Llenas-Serra/dp/8494157884>

Em nosso primeiro encontro, eu, a professora regente e mais 11 crianças, que para manter a identidade preservada receberam nomes fictícios referentes a flores (meninas) e pedras preciosas (meninos), nos sentamos em roda para realizar a leitura do livro supracitado. Logo após, foi aberto um momento de diálogo com os pequenos sobre a história contada, como vivenciam e entendem as emoções, e como agem em cada momento em que suas emoções e sentimentos se afloram. No final da dinâmica, houve realizações de desenhos do monstrinho, na qual cada criança poderia pintar de acordo com as emoções que mais sentiam, deixei claro que não vivenciamos somente uma, mas que somos capazes de experimentar e vivenciar várias ao mesmo tempo.

Durante a conversação com as crianças a fala da aluna Girassol me despertou um sentimento de nostalgia. Ela mencionou que, quando ficava triste, procura se sentar em um lugar localizado na garagem de casa, perto das plantas, para se acalmar. As palavras de Girassol trouxeram-me lembranças da minha infância, uma vez que, quando estava triste, procurava me acalmar no balanço pendurado na árvore ou passeando aos arredores da horta no quintal de minha casa. Esse reconhecimento e troca de vivências tornam-se essenciais na pesquisa de campo, e de acordo com os autores Jader Janer e Marissol Barrenco (2016), no

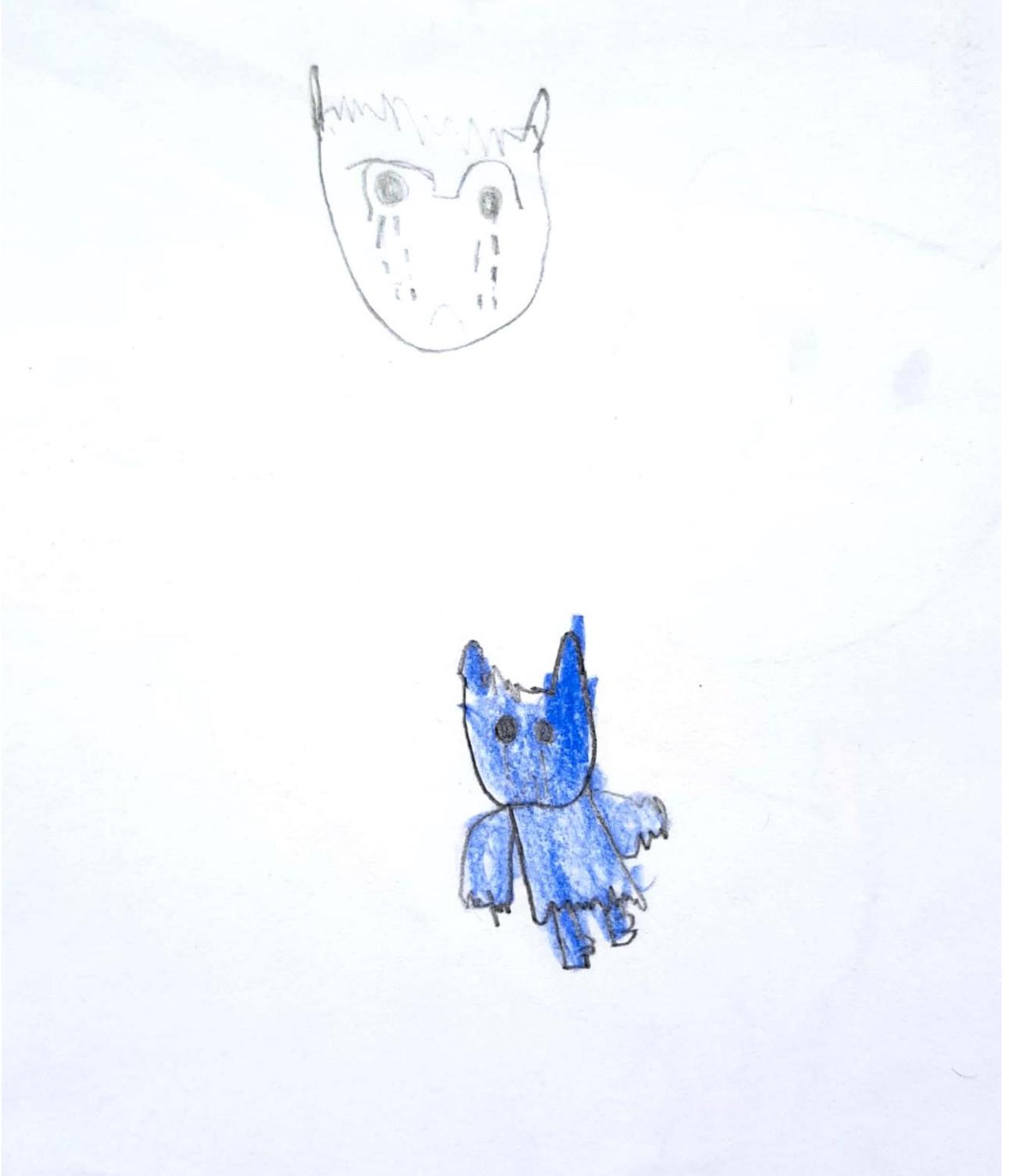
artigo ““Tinha cebola desmaiada”: Bakhtin e o pesquisar com”, surge assim o conceito de cronotopia apresentado por Mikhail Bakhtin. Nessa perspectiva, os autores dissertam que:

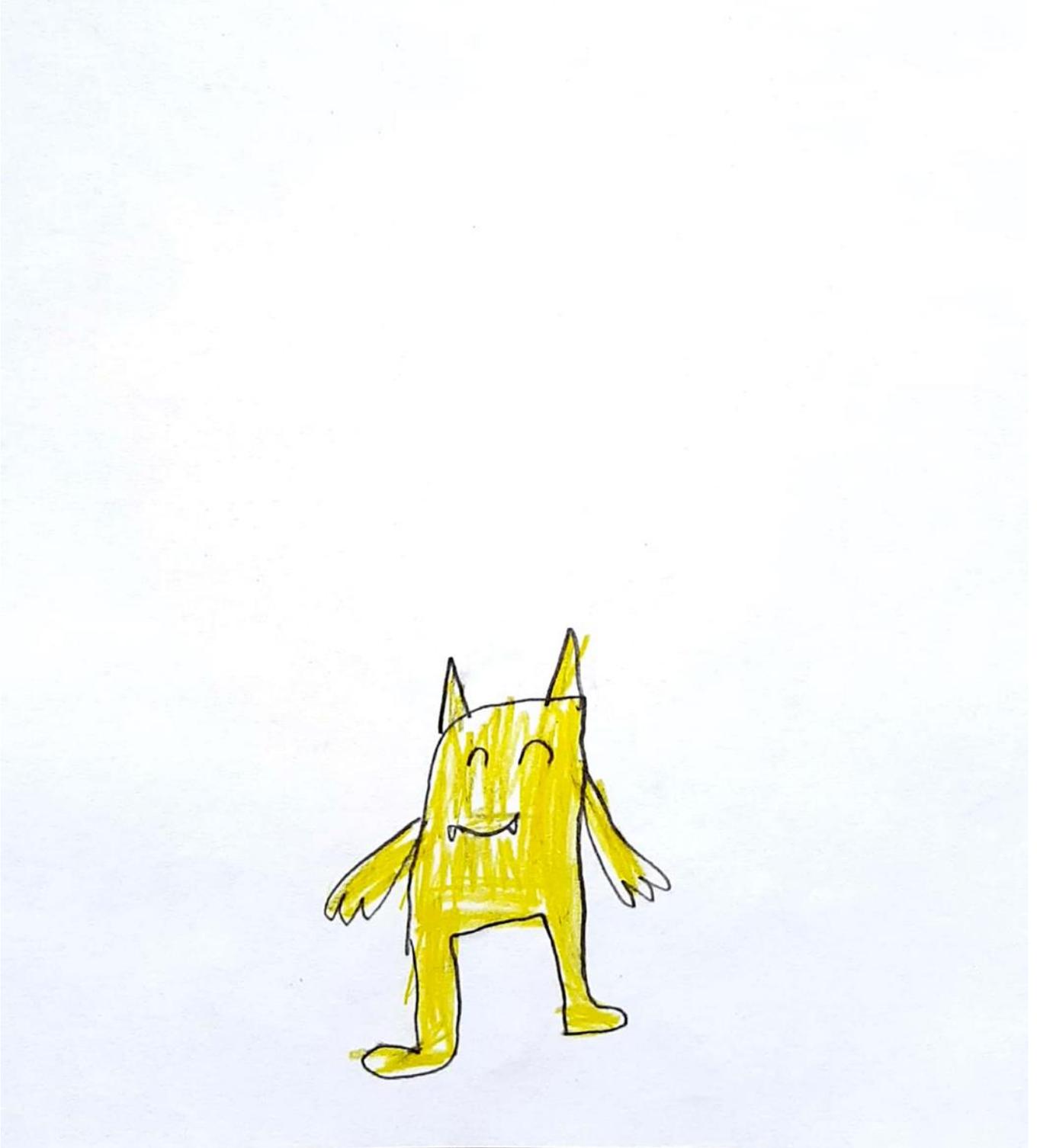
De uma forma geral podemos dizer que cronotopia é o encontro entre o espaço e o tempo, suas fusões, aproximações e distanciamentos, um cozer que nos lembra que o tempo é histórico e o espaço é geográfico, amalgamas fundamentais que tecem o fazer humano, seus discursos, suas linguagens e suas existências, não há essência humana fora dessas dimensões. (Lopes; De Mello, 2016, p.262)

No decorrer do nosso segundo encontro, foi realizada novamente a leitura para relembrar a nossa discussão da reunião anterior. Dessa vez, Opala e Camélia faltaram, e uma aluna que não tinha comparecido na aula passada, Lírio, compareceu. Em seguida, entreguei para cada um o desenho impresso do contorno do corpo de um boneco, lembrei que as emoções correspondem a cada cor, perguntei às crianças onde elas achavam e sentiam que cada emoção se localizava em seu corpo e pedi para que elas colorissem no desenho entregue.

Os encontros foram momentos enriquecedores, que com toda certeza guardarei em minha memória. Sentada ao lado das crianças no chão, escutando-as, vendo a curiosidade delas por aquele assunto e o interesse delas em participar das conversas, perguntas e atividades foi um combustível para continuar minha pesquisa e minha trajetória pela educação infantil. Conforme as narrativas iam se construindo, o espaço virou uma enorme rede de fios que se conectavam de alguma forma, e fui transportada para um mundo de verdadeiras emoções que nunca parei para apreciar. Tudo aquilo que as crianças narravam tinha muita propriedade e certeza, marcada pela singularidade de cada uma.

A primeira dinâmica que realizei com as crianças foi tão positiva, que ao perguntar se desejavam desenhar sobre a história contada, todas responderam “sim”. Dessa forma, pedi que desenhassem o monstro das cores, mas que, ao colorir, escolhessem as cores das emoções que mais vivenciavam. Os desenhos e coloridos realizados pelas crianças revelam a singularidade, vivência, criatividade e emoção de cada uma. Não poderia guardar essas obras de arte e ser a única a contemplar, dessa forma, deixarei os registros obtidos no final dessa seção.





















3 REFERENCIAL TEÓRICO

“Eu mostrava minha obra-prima para as pessoas grandes e perguntava se meu desenho dava medo. Elas respondiam: “Por um chapéu daria medo?” Meu desenho não representava um chapéu. Ele representava uma jiboia digerindo um elefante. Então eu desenhei o interior da jiboia, para que as pessoas grandes pudessem entender. Elas sempre precisam de explicações.” (Antoine de Saint- Exupéry, 201, p.9-10).

Ao longo desta seção, será apresentada uma discussão abordando o processo de desenvolvimento da criação e imaginação das crianças durante a infância e a sua importância para a formação dos sujeitos. Torna-se necessário enfatizar que a compreensão desses aspectos são significativos para essa pesquisa, uma vez que durante o período da primeira infância surgem habilidades e concepções que influenciarão a fase adulta dos indivíduos. Como principal orientador para as análises, serão utilizadas obras do pesquisador e psicólogo histórico-cultural Vigotski.

3.1 A BREVE VIDA DE LEV SEMIONOVITCH VIGOTSKI

Quando falamos de figuras importantes que deixaram, de certo modo, sua marca no mundo, costumamos esquecer sua vida antes de se tornar alguém emblemático e notável por todos. Talvez porque fuja da nossa realidade entender que determinado autor, artista, cientista, pesquisador ou filósofo um dia foi mais um indivíduo nascido em qualquer lugar do planeta Terra, só mais um em meio a bilhões de pessoas que residem nele.

Nessa perspectiva, ao longo desta seção, tenho a pretensão de apresentar quem foi Vigotski, utilizando um artigo de Serguei Jerebtsov publicado em 2014, cidadão da mesma localidade que o pensador. Assim, demonstrando que antes de impactar e revolucionar a área da psicologia, tornando-se um importante psicólogo responsável por pesquisar como o desenvolvimento das crianças está diretamente relacionado com suas interações sociais e vivências, o pesquisador foi significativo para uma família, uma universidade e até mesmo uma cidade.

Gomel, que abriga atualmente uma população de aproximadamente 500 mil habitantes e está localizada na República da Bielorrússia, foi a cidade em que Lev Semionovitch Vigotski residiu durante grande parte de sua vida. Apesar de ter nascido em Orsha, foi na

cidade de Gomel que Lev cresceu, estudou, graduou e tornou-se pesquisador dos postulados que futuramente seriam chamados de teoria histórico-cultural. Em sua narrativa denominada “Gomel- A cidade de L.S. Vigostki”, Serguei (2014, p.7) disserta que:

Em Gomel, foram escritas as suas primeiras obras *Psicologia pedagógica* e *Psicologia da arte*. O mistério do gênio de Vigotski ainda está para ser desvendado. Nós, cidadãos de Gomel, contudo, gostaríamos de pensar que o meio sociocultural e a própria cidade do início do século XX também contribuíram para a formação de Lev Semionovitch.

Atualmente, durante a minha pesquisa acadêmica, percebo que a minha história e a de Vigotski se cruzam, e ao investigar sobre sua trajetória, noto que em alguns aspectos elas se assemelham. Observo a semelhança, principalmente familiar, uma vez Lev foi criado em uma família grande, que se assemelha à minha materna, na qual fazia parte do seu núcleo familiar os seus oito irmãos e um primo que era ajudado por seu pai. Entretanto, por uma doença em 1919, a família acaba sofrendo uma grande perda com a morte de um dos irmãos de Vigotski (Jerebtsov, 2014).

Segundo Serguei (2014), Vigotski era interessado em obras de Dostoieviski e até mesmo do poeta William Shakespeare, passando sua infância apreciando literatura e arte. Quanto ao seu ensino, cursou a educação primária em sua residência, na qual foi instruído através do método de diálogo socrático. Posteriormente, na sexta série, ingressou no ginásio Ratner e ao concluí-lo conseguiu entrar para a prestigiada Universidade Imperial de Moscou, conquistando o que Jerebtsov (2014, p.10) define como “bilhete premiado” já que:

Na Rússia pré-revolucionária, existiam cotas pelas quais as universidades admitiam no máximo três ou quatro por cento de egressos de famílias judaicas. Essa cota era sorteada somente entre os formandos de ginásios que concluía os estudos com medalha de ouro. Todavia, isso não os liberava dos exames adimensionais. Com 17 anos, literal e metaforicamente, Vigotski ganhou o seu bilhete premiado, prestou com sucesso o vestibular e, em setembro de 1913, tornou-se aluno do primeiro período da Universidade Imperial de Moscou. (Jerebtsov, 2014, p.10)

Dessa forma, vale ressaltar que os trabalhos escritos e publicados por Lev Semionovitch revolucionaram a psicologia histórico-cultural, uma vez que, conforme disserta Lopes (2013, p. 135):

Os constructos da teoria histórico-cultural trouxeram muitas contribuições para diferentes áreas no Brasil e, claro, em diversas partes do mundo. O pedaço de papel rascunhando na casa de Vigotski ganhou escala planetária e

independentemente de sua existência tornou possível pensar o ser humano, as crianças a partir de outros olhares, de outras concepções, assumindo nossa condição histórica e geográfica. Um pequeno artefato cultural que continua presente, mesmo em sua possível ausência, inexistência ou desaparecimento.

Portanto, mesmo nascendo em uma pequena cidade e passando por momentos difíceis em seu ambiente familiar, Vigotski conseguiu fazer com que seus trabalhos com a pesquisa alcançassem o mundo. Infelizmente, o grande pesquisador, pensador, cientista e psicólogo não pôde contemplar sua importância e contribuição para a área da psicologia, principalmente a histórico-cultural, uma vez que acometido pela tuberculose, mesma doença que matara seu irmão, ele acabou falecendo antes de completar os 38 anos de idade.

3.2 O CONCEITO DE VIVÊNCIA, SEGUNDO O PSICÓLOGO HISTÓRICO-CULTURAL VIGOTSKI

Vivemos em um mundo multicultural e que constantemente está em transformação, seja ela histórica, social e geográfica. Quando paramos para pensar, podemos visualizar que somos, muita das vezes, afetados por esses aspectos, mesmo sem ao menos perceber ou sentir. Nesse sentido, durante esta seção, buscarei demonstrar o conceito de vivência, segundo a teoria histórico-cultural, investigado pelo psicólogo Vigotski.

Quando se disserta sobre a teoria histórico-cultural, é válido ressaltar que ela tem como principal objetivo a compreensão do desenvolvimento humano e que três pessoas, dentre eles Lev Semionovitch Vigotski, Aleksei Nikolaievitch Leontiev e Alexander Romanovitch, entre outras pertencentes ao grupo, tiveram papel crucial nesse percurso (Lopes, 2013, p. 125).

Anos depois da reunião desses três grandes pesquisadores, busco me juntar a eles e a outros colegas que investigam, segundo a visão vigotskiana, para a elaboração desse trabalho que tem como finalidade compreender as narrativas das crianças perante suas emoções, afinal, estas fazem parte de todo ser humano e contribuem para o desenvolvimento desde a mais tenra idade.

Dessa forma, Vigostki e a psicologia histórico-cultural se relacionam com essa pesquisa a partir do pressuposto que:

A psicologia histórico-cultural é uma teoria relacionada, sem dúvida, ao paradigma das ciências humanas do conhecimento psicológico. O objeto das ciências humanas não é dado que precisa ser quantificado, mas são as

relações significantes que devem ser interpretadas com ajuda dos órgãos culturais e conceitos científicos, antes de tudo. (Jerebtsov, 2014, p. 19)

Além disso, o debate proposto pela teoria histórico- cultural perante o conceito de vivência, estudado por Vigotski, nos leva à compreensão de que tanto a cultural quanto a história são fatores que integram e contribuem para desenvolvimento dos indivíduos que estão presentes em uma sociedade (Jerebtsov, 2014).

Nesse sentido, parto do ponto de que a emoção é parte de todo ser humano e que, além de estar presente nas expressões faciais de cada indivíduo, faz parte das vivências dos sujeitos que vivem em sociedade, sendo muito necessária não só para as crianças como também para os adultos. Logo, torna-se essencial para essa pesquisa entender o que é vivência e como ela está diretamente ligada ao desenvolvimento da personalidade e do emocional dos indivíduos.

O conceito de vivência, que vem da palavra russa *perejivanie*, é definido por Serguei Jerebtsov (2014, p.19) como “[...] o processo de formação pela personalidade da sua relação com as situações da vida, a existência em geral com base nas formas e valores simbólicos transformados pela atividade interna, emprestados da cultura e devolvidos a ela”. Sendo assim, é possível perceber que o “meio” acaba exercendo influência no processo de vivência, uma vez que Lopes (2013, p.129) disserta que “a vivência seria, exatamente, a unidade fundada entre a criança e o meio, confluências onde estaria o desenvolvimento”.

Ademais, em “Quarta aula: questão do meio da Pedologia”, Vigotski (2010, p.683-684) disserta que:

A vivência de uma situação qualquer, a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influência essa situação ou esse meio exercerá na criança. Dessa forma, não é esse ou aquele elemento tomado independentemente da criança, mas, sim, o elemento interpretado pela vivência da criança que pode determinar sua influência no decorrer de seu desenvolvimento futuro.

O conceito pode ser observado por mim através da série americana “*This is us*”. O enredo apresenta a história de uma família no passado, presente e futuro, mostrando a infância e o crescimento de três irmãos que nasceram no mesmo dia, sendo um casal de gêmeos e um que foi adotado. O drama expõe como cada irmão, criado igualmente e no mesmo ambiente, tiveram vivências, emoções, e desenvolveram personalidades totalmente distintas. É interessante ver o amadurecimento de cada personagem ao longo da série e como cada um guarda uma memória e uma vivência divergente da mesma experiência.

Figura 2 - Elenco principal da série "This is us"



Fonte: Divulgação/ NBC [s.d].

Portanto, é possível entender, como aponta Jerebtsov (2014, p.21), que “a personalidade não é um arquivo” e não pode ser transmitida de uma pessoa para outra, mas sim uma construção a partir do que se vivencia e experimenta desde o nascimento. Semelhantemente, o modo como cada sujeito sente é particular e único, mesmo vivenciando a mesma experiência.

Logo, não é só o “meio” que interfere. A relação e o diálogo com o outro terá um papel poderoso, uma vez que:

“O pedagogo, pai e psicólogo, graças ao dialogismo das relações, dialogismo da consciência, é capaz de se libertar e de libertar a pessoa do ditado das normas sociais e das visões de mundo estabelecidas. No diálogo, as vivências se TRANSFORMAM, se tornam outras” (Jerebtsov, 2014, p. 24).

O entendimento do conceito de vivência nos ajuda a compreender as narrativas das crianças a respeito de como elas vivenciam suas emoções. No entanto, antes, é necessário para prosseguirmos entender como se dá o processo de imaginação e criação durante o período da infância, conceitos que apresentarei, com base em L.S. Vigotski, no decorrer da próxima seção.

3.3 A IMAGINAÇÃO E A CRIAÇÃO DURANTE A INFÂNCIA SEGUNDO VIGOTSKI

É de admirar-se o processo de imaginação, uma vez que ele é complexo e se transforma conforme nossas relações sociais. Isso se verifica ao imaginarmos, quando pequenos, uma caixa de papelão como uma casa ou até mesmo um castelo, mas quando adultos o objeto se torna mais um lixo que pode ser reciclado. Por isso, é comum, entretanto errôneo, pensarmos que ao crescermos perdemos nossa imaginação, uma vez que na verdade só ocorreu sua transformação devido às diversas experiências que nos cercam.

Um complemento da imaginação é a criação, afinal, só podemos criar aquilo que previamente imaginamos. Em sala de aula, como estagiária, diversas vezes me surpreendi com as habilidades das crianças em criar objetos utilizando de blocos de lego, a partir da imaginação. Era uma surpresa ainda maior quando as crianças me relatavam que criaram um personagem de desenho, pois ao pesquisar na internet era visível que o objeto que montaram correspondia ao que tinham imaginado.

Nesse sentido, recorro ao livro “Imaginação e criação na infância”¹, do pensador Lev S. Vigotski, comentado por Ana Luiza Smolka e traduzido por Zoia Prestes, com o intuito de demonstrar como a relação de imaginação e criação está relacionada desenvolvimento do emocional da criança. Smolka (2009, p. 9) apresenta que os estudos de Vigotski analisam “[...] como a emoção afeta a imaginação [...]” e “[...] como a imaginação provoca emoções”. Além disso, a compreensão desses conceitos associados ao de vivência nos ajudará a entender as narrativas infantis sobre emoções.

Dessa forma, começamos primeiro entendendo como a imaginação e criação são compreendidas segundo Vigotski. O autor disserta que:

A psicologia denomina de imaginação ou fantasia essa atividade criadora baseada na capacidade de combinação do nosso cérebro. Comumente, entende-se que por imaginação ou fantasia algo diferente do que a ciência denomina com essas palavras. No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter nenhum significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia. (Vigotski, 2009, p. 14)

¹ Obra mais recente publicada pela Expressão Popular Editora (2018). Link: <https://expressaopopular.com.br/livraria/imaginacao-e-criacao-na-infancia/>

Desde pequenos os indivíduos estão em constante transformação e, conseqüentemente, desenvolvimento, seja cognitivo ou psíquico, uma vez que estão imersos em uma cultura e participam de relações sociais. Dessa forma, segundo Ana Luiza Smolka (2009, p.8), “o desenvolvimento da criança encontra-se, assim, intrinsecamente relacionado à apropriação da cultura”.

Nessa perspectiva, a canção “Aquarela”, do cantor Toquinho, ajuda a exemplificar que a nossa imaginação não está distante da nossa realidade, pelo contrário, para que ela exista é preciso, primeiramente, se relacionar com toda a experiência que já vivenciamos. Uma vez que só é possível imaginar que um pingo de tinta em um papel azul seja uma gaivota voando, como é apresentado na música, pois temos o conhecimento prévio de que aquele animal é uma ave que voa no céu, que é azul nos dias ensolarados.

Logo, é possível afirmar que as brincadeiras, as canções, os desenhos, os livros, a imaginação e a vivência colaboram para o desenvolvimento da criação desde a infância, pois através destes são adquiridos conhecimentos e experiências que possibilitam modificar e criar algo novo. Sendo assim, para Vigotski (2009, p.17), “é essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação”.

Portanto, é possível afirmar que é necessário promover experiências desde a mais tenra idade, já que:

A conclusão pedagógica a que se pode chegar com base nisso consiste na afirmação da necessidade de ampliar a experiência da criança, caso se queira criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação. Quanto mais a criança viu, ouviu, vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência – sendo as demais circunstâncias as mesmas –, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação. (Vigotski, 2009, p.23)

À vista disso, é perceptível que a imaginação é essencial e assume um papel importante para quase toda atividade mental humana e, conseqüentemente, está ligada ao caráter emocional. (Vigotski, 2009)

4 “EMOÇÕES SÃO PEQUENAS COISINHAS QUE FICAM DENTRO DE VOCÊ TE CONTROLANDO”

“Quando tem medo, você se sente pequeno e insignificante...e pensa que não conseguirá fazer o que te pedem.”(Anna Llenas,2018, p.[13]).

Como uma boa ansiosa que se sente insegura diante de muitos olhares, tive medo ao estar de frente com as crianças, mesmo tendo familiaridade com elas. O medo surgiu na imaginação de não ser capaz de realizar essa pesquisa ou de não estar à altura para desempenhar tal feito. Mesmo com esse sentimento, iniciei a dinâmica, perguntando às crianças sobre suas cores preferidas delas e logo as ouvi me dizendo suas cores, ao mesmo tempo.

O silêncio abriu espaço para o começo da leitura do livro “o monstro das cores”, da qual são retiradas as epígrafes que inauguram essa seção e a próxima. A cada página lida, procurei mostrar às crianças as diferentes cores, emoções e expressões que o personagem tinha. Pedi para que elas pensassem em como elas se sentiam e vivenciavam cada emoção que estava sendo mostrada na história.

Durante a última página do livro, quando o monstro fica rosa, perguntei às crianças que emoção aquela cor representava, e para minha surpresa todos responderam com propriedade que era o “amor”. Resolvi adicionar mais uma pergunta antes de seguir; perguntei para à turma como eles estavam se sentindo naquele momento, e em um coro, ouvi “feliz”.

Ao compartilhar com eles que estava alegre, calma, mas com medo, a reação das crianças quando ouviram a palavra “medo” sair da minha boca foi de confusão, como se aquilo que eu havia dito não fosse possível. Alguém me perguntou “por que”? Respondi que tinha medo de que eles não gostassem do trabalho que estava fazendo. Surpreendendo-me a professora regente pediu para que eu guardasse meu medo no pote dele, pois eles estavam ali com todo amor para mim. Aquela frase foi capaz de me aquecer e me fazer sentir segura. Observei que não estava em um lugar de julgamento, mas sim um espaço de troca e, acima de tudo, estava sendo acolhida.

Ao longo da escuta das narrativas das crianças sobre suas emoções, foi interessante e surpreendente perceber que, ao explicar acerca de como vivenciavam suas emoções, elas sempre imaginavam e relacionam com acontecimentos ocorridos em suas vidas. Esse fator, percebido por mim, é explicado por Vigotski (2009, p. 25-26):

[...] qualquer sentimento, qualquer emoção tende a se encarnar em imagens conhecidas correspondentes a esse sentimento. Assim, a emoção parece possuir a capacidade de selecionar impressões, ideias e imagens consonantes com o ânimo que nos domina num determinado instante. Qualquer um sabe que vemos as coisas com olhares diferentes conforme estejamos na desgraça ou na alegria. Há muito os psicólogos notaram o fato de que qualquer sentimento não tem apenas uma expressão externa, corporal, mas também uma interna, que se reflete, na seleção de ideias, imagens, impressões. Esse fenômeno foi determinado por eles de lei da dupla expressão dos sentimentos. O medo, por exemplo, expressa-se não somente pela palidez, tremor, secura da garganta, alteração da respiração e dos batimentos cardíacos, mas também mostra-se no fato de que todas as impressões recebidas e as ideias que vêm à cabeça de uma pessoa, naquele momento, estão comumente cercadas pelo sentimento que a domina.

Nesse sentido, quando perguntei à turma o que as deixavam com medo, várias crianças disseram juntas que já sabiam e queriam responder todas ao mesmo tempo, o que me deixou feliz, pois pude ver que elas queriam realmente participar da dinâmica. Ao direcionar a pergunta “O que te causa medo e como você se sente?” para cada criança, de maneira que todos pudessem responder se desejassem, obtive as seguintes respostas²:

Turmalina- Arrancar os meus dentes. Eu sinto que vai doer tanto que vai sangrar muito.

Diamante- Me escondo debaixo do cobertor.

Rosa- Eu fico tremendo.

Margarida- Um dia eu tava no parque de diversão do shopping que abriu. Eu fui no trem fantasma de lá, a gente tava na última etapa eu tava olhando pro lado uma pessoa fez assim-imitou um grito.

Tentando entender o raciocínio dela eu perguntei: “Quando você sente medo?”.

Margarida- Quando eu levo susto.

Girassol- Um barulho desconhecido esquisito. Eu me agacho e penso que tem que sair dali rapidamente porque tem perigo.

Camélia- Não lembro.

Topázio- Eu vou para debaixo do cobertor se esconder.

Opala- Eu também.

Rubi- Eu só vejo um filme assustador e só escondo embaixo do sofá.

Safira- Eu tenho medo de quando alguém bate em tudo.

Ametista- Medo da chuva.

Girassol- Vitória eu esqueci de um detalhe final, eu também rezo.

² Em respeito à autoria das crianças, durante a transcrição de suas narrativas não farei mudanças gramaticais para a norma padrão.

As narrativas supracitadas nos expõem que o medo pode ser expresso de diversas formas e que vai muito além de uma resposta física do corpo (Vigotski, 2009). O fato de Turmalina narrar à imaginação de algo que ainda não vivenciou não torna seu medo irreal, uma vez que:

[...] a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humanos. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos de sua própria experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando, com a ajuda da imaginação, a experiência histórica ou social alheias. Assim configurada, a imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana. (Vigotski, 2009, p.25)

Para as crianças, experimentar o medo é real, assim como para qualquer adulto, mesmo que seja só um barulho desconhecido, um dente que ainda não foi arrancado, um filme fictício, um passeio no trem fantasma do shopping e mesmo tendo uma casa protegendo da chuva que caí do lado de fora. Desse modo, é perceptível que a imaginação é capaz de criar emoções reais, verdadeiras, nas crianças a partir de experiências que elas vivenciam. Para Vigotski (2009, p. 28) “esse fenômeno poderia ser chamado de lei da realidade emocional da imaginação”. Além disso, o autor disserta:

[...] qualquer construção da fantasia influi inversamente sobre nossos sentimentos e, a despeito de essa construção por si só não corresponder à realidade, todo sentimento que provoca é verdadeiro, realmente vivenciado pela pessoa, e dela se apossa. Vamos imaginar um simples caso de ilusão. Entrando o quarto, ao entardecer, uma criança, ilusoriamente, percebe um vestido pendurado como se fosse alguém estranho ou um bandido que entrou na casa. A imagem do bandido, criada pela fantasia da criança, é irreal, mas o medo e o susto que vivencia são verdadeiros, são vivências reais para ela. (Vigotski, 2009, p.28)

Da mesma forma, quando perguntei para a turma o que fazem quando estão alegres ou o que os deixavam alegres, as respostas que obtive são:

Turmalina- Brincar na escola com meus amigos.

Diamante- Jogar.

Rosa- Ficar com a minha família.

Novamente pergunto: “Quando vocês estão alegres, o que fazem?”.

Turmalina- Eu ri.

Diamante- Ri demais.

Rosa- Fico com sorriso.

Margarida- Quando eu assisto o filme de quando eu nasci. Eu até choro de alegria.

Girassol- A coisa que me faz feliz é quando tá chegando o natal. Eu fico toda ansiosa já preparando comida para deixar na mesa para o papai Noel.

Eu- o que isso te causa?

Girassol- Eu fico chorando de tanta emoção, mas quando coloco a estrela na árvore eu bato palma depois.

Topázio- Brincar com minha mãe – ele ainda diz que fica sorrindo ao fazer isso.

Opala- Jogar futebol.

Rubi- Jogo vídeo game.

Safira- Piruetas.

Ametista- Ver YouTube.

Para Girassol, Rubi, Ametista os personagens inventados, presente nos jogos, desenhos ou histórias são capazes de causar alegria, pois as crianças acreditam fielmente na existência deles e fantasiam fazerem parte daquele universo, mesmo que seja fictício. O que eles vivenciam e experimentam não são emoções tolas e sem fundamentos, inventadas assim como os personagens; pelo ao contrário, são profundamente verdadeiras, pois a imaginação as torna reais (Vigotski, 2009). Sendo assim, merecem ser acolhidas, ouvidas e levadas com seriedade, pois como Vigotski (2009, p.28-29) nos afirma:

As paixões e os destinos dos heróis inventados, sua alegria e desgraça perturbam-nos, inquietam-nos e contagiam-nos, apesar de estarmos diante de acontecimentos inverídicos, de invenções da fantasia. Isso ocorre porque as emoções provocadas pelas imagens artísticas fantásticas das páginas de um livro ou do palco de teatro são completamente reais e vividas por nós de verdade, franca e profundamente.

Apesar de Vigotski não abordar diretamente as demais emoções, poderíamos desdobrar de suas ideias as outras que fazem parte do ser humano, suas relações com a imaginação e criação. No campo, mais emoções surgiram através das narrativas, como por exemplo, a raiva. Quando perguntei como eles ficavam quando estavam sentindo raiva e o que faziam para lidar com ela, as crianças responderam:

Turmalina- Eu já sei, eu tento me acalmar.

Eu e a professora perguntamos juntas: “Como?”.

Turmalina- Eu fecho o olho e penso em uma coisa calma.

Ao perguntar para Rosa o que ela faz quando vivencia a raiva, se ela grita, empurra ou joga alguma coisa para o alto, as outras crianças acabam rindo. Nesse momento, eu e a professora explicamos que existem várias formas de sentir e expressar, afinal, como o próprio Vigotski (2009, p.30) disse: “tanto o sentimento quanto o pensamento movem a criação humana”. Ou seja, tudo aquilo que vivenciamos, sentimentos e imaginamos é capaz de gerar um processo de criação em nós, que pode ser expresso através de gestos, atos, falas, etc. Após minha fala a professora perguntou para Ametista o que ele faz quando está com raiva.

Girassol- Grita - e todos gritaram.

Professora – Mas vocês já repararam que quando Ametista dá o grito dele, ele melhora depois? Então como Turmalina fecha os olhos e pensa em coisas calmas, Ametista precisa de um gritão daqueles para ele se acalmar, é a forma como ele viu para se acalmar.

Novamente, direcionei a pergunta para Rosa e para as demais crianças, seguindo a roda, que responderam:

Rosa- Eu fico assim- dá um grito grave- e diz – e às vezes para acalmar eu respiro fundo e me acalmo.

Rubi- Eu durmo.

Opala- Pego o cubo e vou tentando montar ele e acalmo.

Girassol- Eu peguei o costume quando eu fico irrita eu saio batendo o pé no chão na frente da minha irmã, jogo – o que eu entendi ser o controle remoto- e piso naquilo, enfio a cara no travesseiro e grito com a cara no travesseiro.

A professora e eu perguntamos: “E isso faz bem?”.

Girassol- Sim.

Direcionei novamente a pergunta para o Topázio e as crianças que faltavam falar.

Topázio- Eu quero ficar sozinho.

Camélia- Faço igual o Topázio.

Margarida- Eu não sei, eu acho que nunca ficou brava.

Diamante- Quando eu estou em casa eu brigo com minha irmã

Safira- Eu quebro as coisas.

Topázio- Eu tenho outra coisa, eu me tranco no quarto.

De maneira a tentar mostrar a eles que uma pessoa adulta também vivencia a raiva e que se expressa, assim como eles, contei minha experiência quando brigo com minha mãe, que se assemelha ao que a Girassol narrou. Ao perguntar às crianças como elas ficavam quando estão tristes, mais uma vez obtive respostas inusitadas e recheadas de autocuidado:

Turmalina- Eu pego um bichinho de pelúcia meu e abraço ele.

Diamante- Fico chorando no travesseiro.

Rosa- Eu vou para algum lugar e quero ficar sozinha. Igual um dia que o lustre lá de casa, quebrei ele sem querer. Eu queria ficar sozinha porque fiquei triste que eu quebrei ele.

Margarida- Deixa eu pensar o que eu falo quando eu tô triste. Eu quero ficar um pouco sozinha- e diz que só chora quando se machuca.

Camélia- Eu pego meu bichinho e abraço.

Ametista- Bater.

Girassol- Eu quando fico triste, sabia que tem um cantinho que eu gosto que é perto da garagem.

Decido perguntar se ela chora, a resposta foi:

Girassol – Sim, eu saio chorando abro a porta de casa vou lá e sento perto das plantas na garagem e quando me acalmo eu volto de volta para dentro de casa.

Quando Girassol narra sobre esse cantinho, que contem significado para ela, pois aparece outra vez ao longo da nossa roda de conversas, consigo entender claramente a emoção atrelada a aquele lugar. Através da sua fala, um sentimento de nostalgia surgiu em mim, fui capaz imaginar o meu balanço, amarrado no pé de mangueira, que em várias vezes me recebia, pois assim como ela eu gostava de ficar por lá apenas observando tudo. São tempos e espaços diferentes, mas que de alguma forma se encontram através das narrativas.

Segui escutando as demais crianças, que contaram sobre como lidavam com a tristeza:

Topázio- Faço a mesma coisa de quando tô bravo se tranca no quarto.

Opala- Vou pro quarto da minha mãe deito e me acalmo.

Rubi- Eu só deito e relaxo um pouquinho e relaxo.

Safira- Eu choro.

Ao serem indagados sobre como se sentiam ao estarem calmos, eles responderam:

Turmalina- Eu já sei, quando eu tô calmo eu gosto de conversar com as pessoas, brincar e também gosto de uma coisa muito legal, eu gosto de lanchar.

Diamante- Eu gosto de deitar e dormi.

Rosa escolhe me responder através da ação de ficar parada.

Margarida- Eu sinto sono.

Camélia- Fico feliz.

Girassol- Eu vou para garagem perto da minha bicicleta, quando eu tô calma às vezes.

Topázio- Eu fico deitado no sofá.

Opala- Eu gosto de aguar as plantas.

Rubi- Jogar futebol.

Safira- Aguar as flores.

Ametista- Eu grito

Percebendo que ele não entendeu a pergunta, repito-a reforçando que é quando ele se sente calmo.

Ametista- Ah, eu tô calmo.

Ao longo das nossas conversas expliquei por que é importante conhecerem as emoções, pois só assim saberiam dizer o que sentem para alguém quando precisarem. relatei que, ao acontecer alguma coisa com eles, eu pedia que chorassem, mas que acalmasse para que eu pudesse ajudar e entender o que estava ocorrendo.

Encaminhando para o final, demonstrei que a emoção amor pode ser junto com a calma e alegria, e que às vezes pode gerar tristeza. Argumentei, também que a insegurança e o medo pode causar a ansiedade e cito a fala da Girassol, quando ouve um barulho estranho. Além disso, apresentei que a alegria é capaz de produzir a ansiedade, pois são comuns as emoções se misturarem.

Turmalina diz- Estou feliz e ansioso porque domingo meu pai vai chegar.

A fala dele faz com que seus colegas comecem a citar várias situações que os deixavam alegres e ansiosas. Com o findar das falas, mais uma vez, narrei que é possível ficar triste, feliz e com raiva ao mesmo tempo e que está tudo bem, porque uma hora passa. Exemplifiquei que ao caírem pode até doer na hora, mas que o acolhimento de um amigo ajuda a diminuir a dor. Ainda, citei que o Diamante quando sente saudade da mãe, fica triste, mas que ao fazermos ele ri, sua tristeza se vai por um tempo.

Antes de partir para a última pergunta, decidi questionar se nossa primeira dinâmica foi divertida. Rapidamente, as crianças responderam que sim, e Diamante me surpreendeu dizendo:

Diamante- Eu adoro muito a aula da Vitória.

Por fim, antes de encerrarmos nossas conversas, perguntei às crianças: “O que é emoção depois da leitura de hoje?”. Depois de pensarem um pouco, eles disseram:

Turmalina- Acho que é que a gente se sente emoção é quando a gente fica emocionado.

Diamante- Eu acho que é igual Turmalina.

Ametista- É bem legal, é umas coisas que a gente sente.

Margarida- Eu acho que emoção é o que a gente sente.

Camélia- É o que a gente sente.

Rosa- É o que a gente sente, também.

Girassol- Para mim emoções são pequenas coisinhas que ficam dentro de você te controlando. Ou você controla elas ou elas controlam você, já aconteceu muitas vezes comigo delas controlarem eu.

Eu - E tá tudo bem não é? Ainda estamos aprendendo.

Topázio- Eu acho que é uma coisa que fica dentro da gente.

Opala- Uma coisa que tá dentro da gente.

Safira- Carinho.

Dessa forma, em vista das narrativas supracitadas, é possível concluir que “toda atividade de imaginação tem sempre uma história muito extensa” (Vigostki, 2009, p.35) e que:

[...] a atividade de imaginação subordina-se à experiências, às necessidades e aos interesses na forma dos quais essas necessidades se expressam. É fácil compreender que essa atividade depende também da capacidade combinatória e do seu exercício, isto é, da encarnação dos frutos da imaginação em forma material; que depende, ainda, do conhecimento técnico e das tradições, ou seja, dos modelos de criação que influenciam a pessoa. (Vigostki, 2009, p.41)

5 ONDE SE LOCALIZAM AS EMOÇÕES?

“Essa são as suas emoções, cada uma tem uma cor diferente [...]”
(Anna Llenas, 2018, p. [16]).

Como já foram apresentadas nas seções anteriores, as emoções cumprem um papel fundamental no processo de criação. Partindo desse pressuposto, a segunda dinâmica é pensada e aplicada com o intuito de entender como as crianças, através do processo criativo, pensam e compreendem suas emoções internamente, uma vez que “o desenho, em cada etapa da evolução das atitudes intelectuais, perceptivas e motoras das crianças, representa um compromisso entre suas intenções narrativas e seus meios” (Grubits, 2003, p. 98).

Dessa forma, durante a segunda dinâmica proposta, uma semana e meia após a primeira, iniciei a conversa explicando para Lírio, uma aluna que tinha faltado, sobre o nosso último encontro e, em seguida, comecei a ler o livro, com o objetivo de relembrar a história “O monstro das cores”. Antes de começar, Turmalina me interrompeu e disse: “É muito legal”, e outras crianças se manifestaram junto com ele. Essa movimentação me deixou extremamente feliz, pois era visível que eles realmente gostaram de participar da atividade.

No final leitura, quando dei espaço para as crianças falarem de suas emoções, elas logo narraram o que sentiram e vivenciaram ao assistirem o jogo do Brasil na Copa do Mundo de Futebol que estava acontecendo naquele ano de 2022. Quando as narrativas cessaram, decidi perguntar onde eles achavam que as emoções se localizavam no corpo, e algumas me responderam que:

Turmalina- Elas ficam espalhadas.

Rosa- Para mim ficam no coração.

Diamante- Na cabeça.

Girassol- Para mim ficam no sangue.

Nesse sentido, aproveitando as falas, expliquei para elas qual seria a atividade daquele nosso segundo encontro. A dinâmica se organizou da seguinte forma: foi distribuído para cada criança o desenho impresso de um boneco, que representava o corpo, e lápis nas cores vermelho, amarelo, azul, preto, verde e rosa que representavam, respectivamente, a raiva, alegria, tristeza, medo, calma e amor. Ressaltei que a inclusão do “amor” surge através das próprias narrativas das crianças ao dizerem que o rosa representava esse sentimento. Foi pedido que elas pintassem onde sentiam e acreditavam que se localizava a alegria no corpo, e assim, sucessivamente, até que acabar as emoções.

Dessa forma, foram obtidos os seguintes dados:









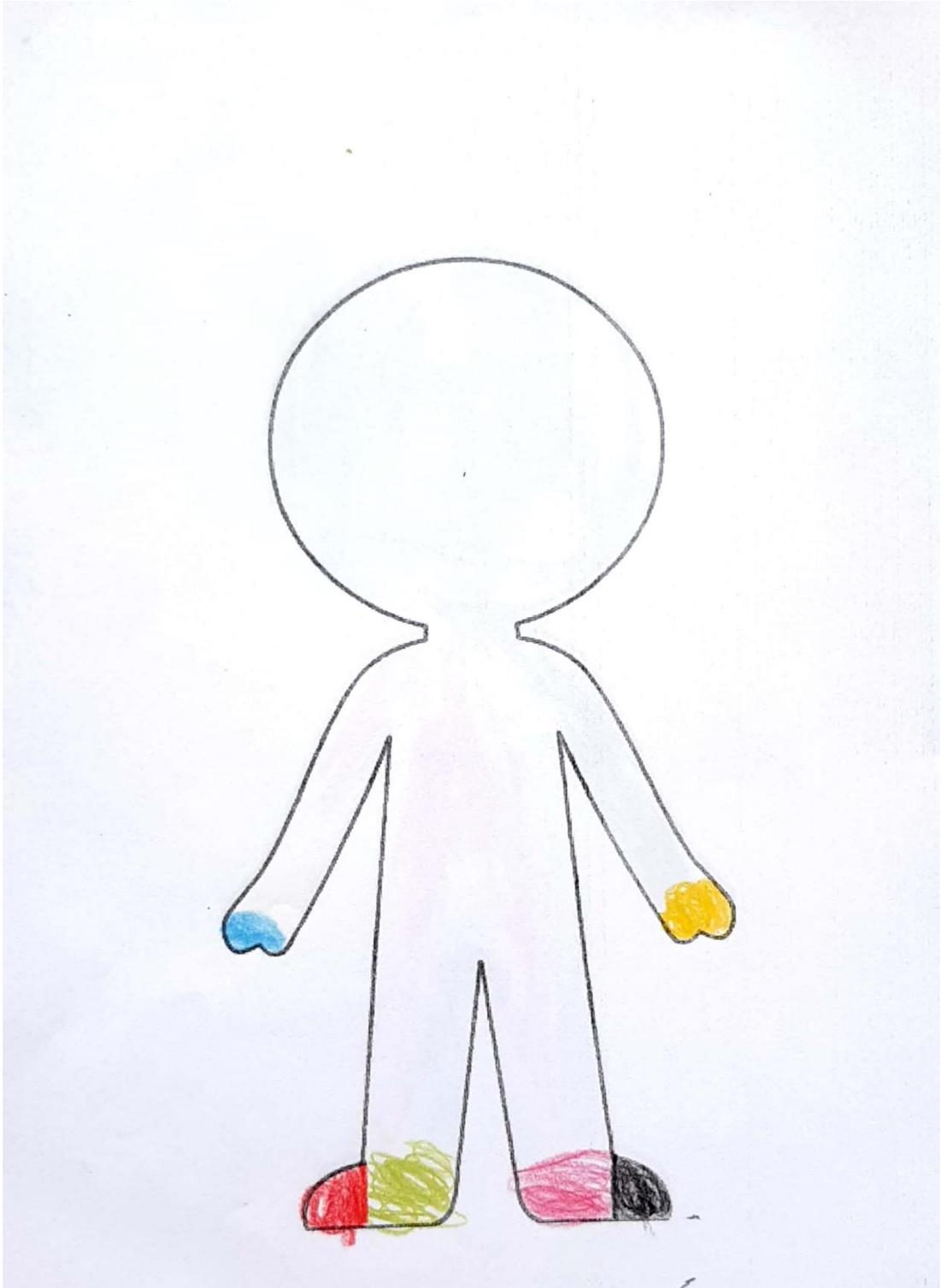












Observa-se que seis crianças representaram que a alegria estaria localizada na cabeça, três nas mãos, e uma desenhou um sorriso, associando a emoção com o ato físico. Quando questionadas sobre a raiva, três pintaram as pernas e pé, três os braços e mãos, duas a cabeça, uma o tronco e uma o pescoço. Já sobre a tristeza, cinco coloriram os braços e mãos, três os pés e duas o tronco. Quanto ao medo, quatro escolheram pintar as pernas e pés, três o tronco, duas os braços e mãos e apenas uma a cabeça. Ao representarem a calma, quatro coloriram pernas e pés, três o tronco, uma braço e mãos e uma cabeça. Por último, quando perguntadas sobre o amor, as crianças resolveram pintar em mais de um lugar, sendo assim: duas pintaram somente a cabeça, três os pés e pernas, duas os braços, pernas e pés, uma o braço e mãos, uma braço, tronco e pernas, e uma desenha uma boca sorrindo, novamente associando a emoção ao aspecto físico.

A análise do colorido produzido pela turma, que naquele dia contava com a presença de 10 crianças, revela que cada uma criou uma representação das suas emoções de forma singular. Essa diversidade de representações é explicada através da criança e da sua “[...] relação com o meio, que, por sua complexidade ou simplicidade, por suas tradições ou influências, pode estimular o processo de criação [...]” (Vigotski, 2009, p.43). Além disso, é perceptível e confirmada que a ação criadora põe em prática não só processo de imaginação e representação, mas trás a tona a experimentação das vivências, uma vez que é possível identificar traços das narrativas das crianças em seus desenhos e coloridos.

Em tempos atuais, nossas representações das emoções fragmentam o humano e muitas vezes não as colocam como um todo. Os órgãos que formam o corpo humano são usados para definir cada uma delas. Quem de nós não associa o amor ao coração? A razão ao cérebro? As crianças são peritas em nos dizer que a emoção está espalhada no corpo. Por que não aprendemos isso com elas?

Haveria mais a dizer sobre esses desenhos, mas as falas das crianças e seus registros nos apontam para refletir sobre a totalidade do humano. Pensemos sobre isso, nos emocionemos sobre isso com todo nosso ser e com a nossa criança interna.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Então, com seus braços compridos, Monstro Azul abraçou o bosque inteiro. Escutando e conversando, Monstro Azul entendeu como todos se sentiam.” (Olga de Dios, 2022, p.[23-24]).

Quando me coloquei de frente para a educação infantil, me sentia como o Monstro Azul em sua trajetória, afinal, não sabia direito o que fazer ou qual era a minha função dentro da Pedagogia. Parecia que todos ao meu redor sabiam qual área seguir, menos eu. Entretanto, enquanto convivia com as crianças e me tornava uma delas, descobri o que precisava ser feito. Assim como o Monstro Azul, quando abracei “o bosque inteiro” ficou visível que era preciso ouvir, acolher, conversar e sentir. A justificativa para esse “por quê?” é evidenciado através dessa pesquisa.

A infância por si só já é uma época de incerteza, na qual, muitas das vezes, as crianças se sentem perdidas e sozinhas, principalmente ao ingressarem na escola, que é a primeira grande instituição social na qual são inseridas para além dos grupos anteriores que fazem parte, sem os pais, diante de novas atividades, adversidades, rotinas e pessoas desconhecidas. Posto isto, imaginemos pelo olhar de uma criança e busquemos a nossa criança interna para compreender esse período. Pensemos se é tão difícil para um adulto, com um nível de vivência muito maior que o de uma criança, começar um novo emprego ou faculdade, se adequar às responsabilidades, descobrir o que quer e o que é, quem dirá para um indivíduo que, nos seus primeiros anos de vida, tem que aprender, se adaptar e interagir com a sociedade que o cerca.

Nesse sentido, quando decidi realizar com as crianças essa pesquisa, me comprometi a ter uma escuta atenta e ver para além de metodologias de ensino. Queria dar voz para elas, queria que esse trabalho fosse sobre suas narrativas, a respeito do que sentem e do que querem compartilhar com o mundo. Todavia, elas foram além e conseguiram dar voz para a minha criança interna e demonstraram como é enriquecedor quando nós, professores, paramos para ouvi-las com devida atenção, acolhimento, comprometimento e seriedade.

Sendo assim, a pesquisa apresentada buscou ter como objetivo compreender, através das narrativas, as emoções das crianças, demonstrando como o psicológico e o cognitivo estão relacionadas diretamente. Por isso, é preciso respeitá-las como indivíduos que sentem, têm escolhas e que ainda estão em desenvolvimento, seja ele motor, social, cognitivo e emocional.

Por meio do trabalho realizado, identificaram-se os reflexos que as vivências, as emoções e o meio causam no desenvolvimento criativo e imaginário infantil, ou seja, impactam o ensino- aprendizagem. Além disso, foi possível constatar que as emoções, além de estarem em nosso dia a dia, não são reduzidas somente a choro ou riso; elas evidenciam uma experiência marcante que vivemos, um medo que ainda carregamos e apresentam uma importância muito maior do que costumamos considerar, principalmente durante a infância.

Assim, através da compreensão de que as emoções fazem parte do ensino- aprendizagem, do desenvolvimento infantil, é possível promover estratégias, dinâmicas, metodologias pedagógicas que vise envolver as transformações gerais das crianças, de modo a progredir sua interação, autoestima e autonomia. Dessa forma, como já dito no início desse trabalho, torna-se essencial atentar-se tanto à cognição quanto à emoção, entendendo que as duas não são opostas, mas fatores que atuam em conjunto, modulando e impactando o processo de aprendizado das crianças.

Como toda pesquisa que se tece, há muitas linhas que surgiram nesse trabalho, fios para serem puxados para futuras investigações, como por exemplo, as emoções e a vivência das crianças com espectro autista, mas que não foram o foco desse material e ficam para outras considerações a serem costuradas nos próximos tecidos a serem bordados. O significativo é que, fazer essa caminhada, me fez repensar não só minha vida, mas minha futura docência.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- DIOS, Olga de. **Monstro Azul**. 1ª. Ed. São Paulo: Boitatá, 2022.
- EMICIDA. **Amoras**. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GRUBITS, Sonia. A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. **Psicologia em Estudo**, v. 8, p. 97-105, 2003.
- JEFFERS, Oliver. **O coração e a garrafa**. Tradução de Tatiana Maciel. São Paulo: Moderna, 2012.
- JEREBTISOV, Serguei. Gomel - A cidade de L.S.Vigotski. Pesquisas científicas contemporâneas sobre instrução no âmbito da teoria histórico-cultural de L. S. Vigotski. *In Veresk - Cadernos Acadêmicos Internacionais*. Brasília: UniCEUB, 2014, p.7-27. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/57>. Acesso em: 4 jul. 2023.
- LLENAS, Anna. **O monstro das cores**. 1ª. Ed. Belo Horizonte: Aletria, 2018.
- LOPES, Jader Janer Moreira. (2013). A “Natureza” Geográfica do Desenvolvimento Humano: Diálogos com a Teoria Histórico-Cultural. *In*: Tunes, E. **O fio tenso que une a psicologia à educação**. Brasília: UniCEUB, 2013, p. 127- 136.
- LOPES, J. J. M.; MELLO, M. B. DE. "TINHA CEBOLA DESMAIADA": BAKHTIN E O PESQUISAR COM. **RevistAleph**, n. 25, 31 maio 2016.
- PSICOLOGIA SINCERA: Para o que servem nossas emoções?.[Locução de]: Ana Luis Braz, Ana Theresa Cavalcanti.[S.I.]: Psicologia sincera, 30 de ago. 2021. Podcast. Disponível em: <https://youtu.be/2BKUf3K5UCk>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**: com as aquarelas do autor. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2015. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- THIS is us. Produção: Dan Fogelman, Jess Rosenthal, Donald Todd, Ken Olin, Charlie, Gogolak, John Requa, Glenn Ficarra, Isaac Aptaker, Elizabeth Berger, Kay Oyegun. Los Angeles: Rhode Island Ave. Productions; Zaftig Films; 20th Century Fox Television, 2016-2020. 106 episódios (42 min).
- VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e Criação na Infância**. Tradução de Zoia Prestes. Apresentação e comentários por Ana Luiza Smolka. São Paulo: Ática, 2009.

VINHA, Márcia Pileggi; WELCMAN, Max. Quarta aula: a questão do meio na pedologia, Lev Semionovich Vigotski. **Psicologia USP**, v. 21, p. 681-701, 2010.

ANEXO A- Canção Aquarela de Toquinho

Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo

Com o lápis em torno da mão
E me dou uma luva
E se faço chover
Com dois riscos tenho um guarda-chuva

Se um pinguinho de tinta
Cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino
Uma linda gaivota a voar no céu

Vai voando
Contornando a imensa curva, norte, sul
Vou com ela viajando
Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco à vela branco, navegando
É tanto céu e mar num beijo azul

Entre as nuvens vem surgindo
Um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo
Com suas luzes a piscar

Basta imaginar e ele está partindo
Serenamente indo
E se a gente quiser
Ele vai pousar

Numa folha qualquer
Eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos
Bebendo de bem com a vida

De uma América a outra
Eu consigo passar num segundo
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo

Um menino caminha
E caminhando chega num muro
E ali logo em frente
A esperar pela gente o futuro está

E o futuro é uma astronave
Que tentamos pilotar
Não tem tempo, nem piedade
Nem tem hora de chegar
Sem pedir licença, muda a nossa vida
E depois convida a rir ou chorar

Nessa estrada não nos cabe
Conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe
Bem ao certo onde vai dar

Vamos todos numa linda passarela
De uma aquarela
Que um dia enfim descolorirá

Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo (que descolorirá)
E com cinco ou seis retas

É fácil fazer um castelo (que descolorirá)

Giro um simples compasso

E num círculo eu faço o mundo (que descolorirá)